

# CONTOS

## TALES

POR FLÁVIO R. KOTHE<sup>34</sup>

---

### BARBEIRAGEM I

**Era sexta-feira, dia de cortar o cabelo, mesmo que muitas sextas tenham sextado sem que eu tenha encestado o corte. Nunca fiz a barba no barbeiro. Não se faz mais, desde que as lâminas triplicaram no corte e no número. Meu pai fazia a barba no primo barbeiro cada semana, dizia que era para mostrar a boniteza: eu calava o que pensava.**

Sentei na cadeira do baiano na 314 Norte de Brasília. Não era a primeira vez que eu ia lá, mas desconfiava que ele fosse bolsonarista desde que havia dito que era contra a vacina para Covid e que nos ônibus todos iriam se contaminar. Não tenho amigos fascistas. Nem parentes. Todos deixaram de ser desde que tiraram as máscaras.

Quando me sentei na quase poltrona, o barbeiro me perguntou o que eu fazia. Em vez de dizer que, sendo aposentado, não fazia nada, respondi que buscava pensar. Vi espanto em seus olhos. Esclareci então que não estudava questões práticas, não buscava aplicar teorias. Ele perguntou o que eu queria dizer com isso, se poderia explicar isso de modo claro. Desconfio muito do que pretende ser claro, mas de nada adiantava dizer isso.

À nossa frente, na estante do espelho em que eu via a dança das lâminas prontas a decapitar minhas partes mortas, vi alguns aparelhos e objetos da profis-

são. Apontei para a tesoura, o barbeador, a máquina de aparar, cremes:

– Olhe aí um pente, uma tesoura, um barbeador elétrico: são aparelhos, são coisas, objetos que percebemos e você usa. Mas por que chamamos de aparelhos, coisas, objetos? Porque há em cada um algo que existe também no outro e que nos permite ver algo em comum, mas que não é um mínimo denominador comum. Há um ser em cada ente que lhe permite um acesso aos outros entes. Nenhum deles é O Aparelho, A Coisa, O Objeto.

Vendo que ele acompanhava o que eu parlava, decidi ser cruel:

– O cristianismo achava que na mente divina se reúne a essência de todas as coisas como formas puras. Aristóteles já dizia, há 2500 anos, que não há puras formas, que os números não são a origem das coisas, mas as coisas é que dão origem aos números. Dizia: não há forma sem matéria. Qualquer forma tem alguma materialidade. Isso é evidente. Mesmo assim, Aquino e os padres da Igreja inventaram que em Deus estariam puras formas, reunindo a essência de tudo o que foi, é, será, mas também do que não foi, não é nem será. Isso não faz sentido. Elas teriam de ter alguma materialidade.

– Falou há 2500 anos?

– Sim. E não adiantou nada! A forma é sempre forma de alguma coisa. Os cristãos são pitagóricos e não sabem...

Fiquei olhando o barbeiro no espelho para ver se aguentava o baque. Parecia que sim. As palavras

---

<sup>34</sup> É mestre (FU-Berlin), doutor (USP) e livre-docente (PUCCAMP) em Teoria Literária e Literatura Comparada. Foi professor convidado nas Universidades de Rostock, UFRGS e no Instituto de Estudos Avançados da USP, sendo atualmente professor titular de Estética na Universidade de Brasília, coordenador do Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica na FAU/UnB, presidente da Academia de Letras do Brasil. É autor de mais de 40 livros e 450 publicações como ensaísta, tradutor, ficcionista e poeta.

eram apenas palavras, não coisas reais. Apontei então de novo para os objetos que estavam diante de nós e perguntei se algum deles era O Objeto, A Coisa, O Aparelho. Se um deles fosse, os demais não poderiam ser.

– Aristóteles disse isso?

– Disse que nenhum ente pode ser o ser. O ser vai além de cada ente, algo que está nele, mas também em outros. Está em todos e em nenhum. Se nenhum ente pode ser o ser, Deus é uma impossibilidade lógica, um ente que acreditam que seja o ser de tudo. Aquino traiu Aristóteles, dizendo seguir O Mestre. Estou estudando a diferença entre ente e ser, se é que ainda dá para usar esses termos. Falar em ente, ser, essência é continuar na metafísica.

– Alguém já resolveu isso?

– Parece que não. Dizem que não se trata de resolver, mas de entrar no problema. O principal filósofo do século XX, Heidegger, escreveu sobre isso. O principal colocou na década de 1950, num dos Cadernos Negros chamado Vigília e Noturno, que ele exigiu que só fosse publicado depois da morte dele, no fim da edição da obra completa dele.

Apareceu em 2020.

– Por que alguém escreve para não ser publicado? Por causa de perseguições?

– Inventaram que ele teria se definido diante do nazismo, mas isso não é o mais relevante. É preciso perguntar se o totalitarismo é consequência direta do modo ocidental de pensar. Há coisas mais perigosas do que um regime político.

– Ele achou alguma saída? Procurou uma?

– Tratou de estudar alguns grandes poetas, como Hölderlin, Rilke, George, Trakl. Conversou com Celan. Achava que o pensamento vem da poesia, nasce como nasce a poesia. O poeta vê uma coisa singular, mas avista algo mais amplo. Mas como se dá essa conexão subterrânea? E como se dá a separação entre dois modos tão diferentes de pensar?

– E o que importa isso?

– Para o mundo prático, nada. A questão é saber se há um modo de saber que seja diferente. O senhor sabe como cortar cabelo, mas sai daqui sem pensar nisso. Na universidade se estudam ciências aplicadas, técnicas. A questão é saber se existe um saber que começa depois desse saber. Sua vida não é ape-

nas cortar cabelo. Vai tirar férias em janeiro?

– Vou, vou lá para o interior da Bahia, tenho uma casa lá.

– Então o senhor corta cabelo para não precisar cortar cabelo... kkk...

Por cortesia, o barbeiro retocou minhas sobrancelhas sem barbearagem. Paguei então os R\$ 35,00 pelo serviço prestado. Ah, se eu recebi alguma coisa pela aula? Não, claro que não. Afinal, eu não tinha resolvido nada e o que havia dito não servia para nada...

## BARBEIRAGEM II

**Eu havia passado por minha sessão semanal na massagista. Ela era exatamente o contrário da masseuse que o leitor já me presenteou com o sorriso no canto dos lábios: buscava em minhas costas os pontos que mais doíam e aplicava neles, com todo o peso do corpo, um bambu que ela chamava de shiatsu. Eu pagava para ser maltratado. Até havia tentado desviar a atenção da tortura, pensando num artigo que um “amigo” me pedira – a preço de leite de pato – um artigo sobre colagem e montagem, como se eu tivesse a solução para a atração fatal de cenas justapostas a formar um novo conjunto com significação própria, não prevista nas anteriores.**

Isso de dizer que alegria e dor estão dentro de nós, dependendo de como elaboramos nossas vivências, havia me levado não a contemplar por um mês num convento uma parede sem nada, mas a mirar o assoalho em sombras, enquanto o bambu comia solto em minhas costas. Buscava os pontos mais doloridos, onde músculos haviam formado nódulos ou estavam retesados, como se eu carregasse pianos. Meu psiquiatra interior tentava me convencer que a dor concentrada em minutos iria me permitir uma semana com menos dor, mas a tortura não se deixava exorcizar com metafísica.

O sol me pareceu sorridente, no entanto, quando emergi dos subterrâneos do prédio para rever no prédio em frente o barbeiro baiano, com quem eu

costumava cortar os cabelos. Acenei com a mão, perguntando se estava disponível e a mão morena me acenou dizendo para chegar. O sorriso do barbeiro que não fazia barbas continha a promessa de que, por mais pedaços que sem anestesia cortasse, eu não iria sentir dor: apenas eliminava em mim o que já estava morto. A barbearia havia se tornado uma clínica de estética, pois cuidava também de unhas, ou seja, das partes que continuam crescendo depois que morremos, mas que não doem ao serem cortadas nos vivos.

Sentei na cadeira que pretendia ser uma poltrona na frente do espelho, onde me vi sem nele estar. Eu era um ectoplasma, como o envoltório branco em que o barbeiro que não era barbeiro me enrolou. No fundo da barbearia estavam três senhoras, que não estavam lá para fazer barbas, embora eu viesse de um Estado em que os homens eram tão machões que até a primeira-dama fazia a barba.

Esta clínica estética tinha sido um centro de propaganda bolsonarista, mas as eleições haviam passado. Eu não quis ficar olhando para as damas, mas não consegui fechar as orelhas com os lóbulos como quem cerra os olhos com as pálpebras. A manicure escutava a freguesa parlando, sem desviar os olhos dos dedos em que a lâmina cortava cutículas. Não sei se a freguesa falava tanto porque temia fornecer bifés para o almoço; a terceira mulher parecia ser uma amiga com o papel de ser o público nesse diálogo em que uma discursava e a outra calava. Meus olhos mergulharam na ausência de mim no espelho, enquanto a orelha se espichava para escutar:

– Os pais estão com medo de deixar os filhos nas escolas, medo de algum ataque. Aconteceram nos últimos dias em São Paulo, Santa Catarina, Goiás, Ceará e até aqui no Distrito Federal. Os ataques querem que os pais não levem mais os filhos para as escolas, para que todos continuem ignorantes, sem pensar. Fanáticos não pensam, acham que as coisas são como eles imaginam que sejam. O Ministro da Justiça tomou ontem medidas contra essas bolhas que propagam fake news, fazem apologia da violência: gabinetes do ódio. Mas o governo não resolve tudo. Os pais, os alunos, os professores, os funcio-

nários precisam ver quando um jovem se torna muito arredio, quando não socializa, mas tem palavras e gestos de ameaça. Dá para ver quando tem alguma coisa errada, mas há casos em que não se nota nada. Também não se pode ter um espião em cada sala de aula, como tinha na época da ditadura.

O meu bom baiano – que há três anos tinha achado que a epidemia não teria controle – me perguntou como eu estava. Respondi:

– Estou bem. Fui ao Sul, visitei minha mãe, ela está com 95 anos, fraca, mas com a mente ainda ágil. Depois fui à praia arrumar um pequeno apartamento da minha tia: os cupins estão comendo tudo o que tem madeira, tive de trocar os móveis por madeira que cupins não comam.

– Com 95 anos, é a idade que enfraquece o corpo.

– Uma vizinha dela tem Alzheimer: o corpo forte, saudável, para uma alma que já morreu quase toda.

– Não vai sobrar muito para o capeta.

– Lá todos acreditam que vão para o céu. Nada muda as crenças, não há fatos para eles, só interpretações.

– Mas o senhor como está?

– No Brasil, é preciso sempre dizer que se está bem, mesmo não estando. Fiz há dois dias uma cirurgia no olho direito.

– Catarata?

– Não, esta eu já fiz há quinze anos. Quase morri de choque anafilático do colírio. Esqueceram de colocar um limpador de para-brisa na lente e nas últimas semanas eu via como se fosse através da névoa ou de uma cortina de plástico. O nome catarata deve vir disso. Atrás da lente enxertada podem crescer células que turvam a visão. Um aparelho deixa o olho maior que uma bola, daí disparam tiros de laser, como se fosse tiro ao alvo.

– Mas está vendo bem?

– Já estou melhor, há pontos negros flutuando no ar, bolas pretas, morcegos lentos, abutres. Acho que virei um fanático, vejo o que não existe e não vejo o que existe.

– Mas é imaginação!

– Não, não é! São restos de células mortas que estão circulando no fundo do olho, enquanto os garis e coletores de lixo não passam. Eu acho que ainda sei que as bolas pretas, os morcegos, os abutres que vejo não estão aí, fora de mim. Estão em mim.

– Sabe?

– Acho que sim. Um amigo fez essa cirurgia me disse que durante uma semana ficou vendo bolas, corvos, abutres, morcegos. Aristóteles dizia que tentamos reduzir o desconhecido ao que conhecemos, só que assim não se percebe a diferença dele, ele não é isso.

Há uma semana, este amigo teve uma dor forte num olho. Foi a uma clínica no fim da Asa Sul. Descobriram três grãos dentro do olho. Ele perguntou:

– Vou ter de fazer uma cirurgia no olho?

– Sim, vai – respondeu a médica.

– Quando? Onde?

– Agora, na sala ao lado.

Daí continuei:

– Ele foi colocado na frente de um aparelho, a médica enfiou a agulha dentro do olho e sugou o primeiro grânulo, depois o segundo e daí o terceiro. Quando ele saiu, a dor já tinha passado. Está usando um colírio por uns dias.

– Que milagres a medicina faz!

– Eu não acredito em milagres. Mas sei que o capeta existe. Um hacker entrou há dois dias na minha conta bancária clonando meu celular. O celular dele tomou a alma do meu. Para tirar o encosto, não fui a um terreiro. Tive de sugar a alma do meu, passando zapes, aplicativos e dados para uma nuvem, e eles ficaram circulando em torno da Terra como os espíritos acreditam que os espíritos fazem. Daí o técnico matou o meu celular, para que fosse ressuscitado, com respiração boca a boca, repassando programas, aplicativos e dados para o corpo do meu aparelho. Eu não sabia que o meu celular era espírita.

O barbeiro estava terminando o corte do cabelo. Colocou um espelho atrás da minha cabeça, para eu conferir a minha calvície aumentando. As freguesas no fundo da clínica estética continuavam fazendo o tratamento das cutículas. Cada uma tinha dez dedos nas mãos, eu só uma cabeça, terminei antes. Paguei com dinheiro trocado e daí fui ao banco para reparar e penitenciar os estragos feitos pelo hacker, dando uma nova alma à minha conta.